

# Informais movimentam 40% da renda nacional

Ronaldo de Oliveira/CB/7.7.04

**A** retomada da economia brasileira não alterou a informalidade estruturada no país, que hoje atinge entre 35% e 40% da renda nacional, como estimam o Banco Mundial (Bird) e o governo federal. Emprego, arrecadação de impostos e contribuição à Previdência subiram em 2004 — sinal de que a informalidade perdeu força no mercado de trabalho. Mas o contrabando, a pirataria e a sonegação fiscal, que também compõem a economia informal, não param de crescer, segundo empresários e especialistas. Eles consideram que essa é uma tendência mundial, até para enfrentar a forte concorrência com a China.

“Quando a economia cresce, melhora o mercado de trabalho formal, como vimos no ano passado, com o aumento da contratação com carteira assinada. Mas a informalidade é uma tendência mundial que faz parte da lógica de produção. Além do mais, a concorrência com a China não é nada fácil”, diz Gilberto Dupas, coordenador-geral do Grupo de Conjuntura Internacional da Universidade de São Paulo (USP).

Pesquisa do Banco Mundial com 133 países mostra o Brasil no 9º lugar do ranking da informalidade — a economia não-declarada no país representa 39,8% da renda nacional bruta. Está acima da média dos países pesquisados, que é de 32,5%. O fenômeno se manifesta de várias formas em diferentes setores, segundo estudo da McKinsey & Company: contratação irregular de trabalhadores, compra e venda de produtos sem nota, falsificação de mercadorias, violação de direitos autorais, adulteração de produtos e sonegação fiscal.

A indústria têxtil brasileira é uma das mais atingidas pela informalidade. O setor fatura cerca de US\$ 13 bilhões por ano. Outros US\$ 5,2 bilhões são movimenta-



**VENDEDORES AMBULANTES: FALSIFICAÇÃO DE PRODUTOS MOVIMENTA CERCA DE R\$ 56 BILHÕES POR ANO NO BRASIL**

dos anualmente na economia paralela, segundo a Abravest, associação que reúne as confecções. As fábricas de roupas chegaram a faturar US\$ 20 bilhões nos anos 80. “A informalidade tomou conta do setor”, afirma Roberto Chadad, presidente da associação.

Na indústria de brinquedos, a perda com contrabando e pirataria chega a R\$ 100 milhões por ano, o equivalente a 10% do faturamento do setor. Na de instrumentos musicais, o percentual é de 18% da receita anual. Cerca de 58% das vendas de óculos estão nas mãos dos contrabandistas. Isso equivale à perda de R\$ 350 milhões por ano — metade do faturamento do setor. De cada dez eletrônicos portáteis, como rádio-relógios e gravadores, quatro são vendidos sem nota. No mercado de CDs, as cópias piratas

equivalem a 50% das vendas — em 1997 não ultrapassava 5%, segundo fabricantes.

## **Mercado cinza**

A Business Software Alliance (BSA) e a Associação Brasileira das Empresas de Software (Abes) informam que o índice de pirataria de software no país é de 61%. Isso leva à perdas de R\$ 519 milhões por ano. O índice médio de pirataria no mundo é de 36%, gerando um prejuízo ao setor de US\$ 29 bilhões por ano.

O “mercado cinza” de computadores deu um salto nos últimos cinco anos no país. Em 1999, os PCs piratas representavam cerca de 59% das vendas. Em 2003, 70%. As estimativas para o fim de 2004 se aproximavam de 74%, segundo a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee).

Nos cálculos da Organização Mundial das Aduanas, a pirataria representa 9% do comércio mundial e movimenta R\$ 1,25 trilhão por ano. No Brasil, R\$ 56 bilhões por ano. A arrecadação perde cerca de R\$ 84 bilhões anuais e 2 milhões de empregos são ceifados.

Para empresários e especialistas, a informalidade é reflexo da elevada carga tributária — chega a 40% para alguns produtos —, da alta burocracia, da complexidade de leis, da lentidão da Justiça e da fiscalização pouco eficiente. “Chegamos a um ponto em que a informalidade faz parte da cultura do brasileiro. O crime compensa, já que o lucro é grande”, diz Emerson Kapaz, presidente-executivo do Instituto Etco, organização não-governamental para defesa da ética nas empresas.